

FORÇAS MORAIS

Pelo

(Maj. Luiz Mendes da Silva)



S. S. A. do D. E. I. P.
MANAUS - AMAZONAS
- 1944 -

FORÇAS MORAIS

Pelo

(Maj. Luiz Mendes da Silva)



S. S. A. do D. E. I. P.
MANAUS - AMAZONAS
- 1944 -

Amh
0551

AS FORÇAS MORAIS

“Não se luta mais opondo-se homens a material”. A importância capital do mecanismo, as forças “materiais”: canhões, metralhadoras, aviões, carros de combate, etc., é incontestável. Erra, porém, quem acredita que isto é tudo. O material mais aperfeiçoado ficará sem nenhum efeito:

quando os oficiais que o manejam não aprenderam a se libertar suficientemente das fórmulas do passado ou não refletem bastante sobre o seu emprego — o que é do domínio intelectual;

quando os soldados que o servem não estão decididos a fazer o sacrifício de sua vida — o que é do domínio moral.

A preparação para a guerra é uma ciência e a sua execução é uma arte.

A experiência da guerra 1914/18 demonstrou que a guerra continua a ser a luta entre duas vontades, na qual o fator moral tem seu lugar cada vez mais importante, quer se trate: das nações beligerantes em conjunto, dos Exércitos em operações ou do combatente.

PREPONDERANCIA DO FATOR MORAL NAS GUERRAS NACIONAIS MODERNAS

A ameaça do desbaratamento do território francês em 1792, levou a mentalidade da nação ao Exército, dando-lhe um caráter nacional. Napoleão o aproveitou e iniciou uma nova fase “a guerra de movimento”, procurando a vitória não só pela manobra como pelo aniquilamento completo do adversário e diz que nestas lutas “as forças morais entram na proporção de três quartas partes no resultado final: as forças numéricas e materiais entram apenas com um quarto. O moral e a vontade fazem mais da metade da realidade”.

Em 1870, enquanto na França considerava-se a guerra dependente da sorte das armas, na Alemanha os poetas e mestre-escolas pregavam a organização da grande pátria alemã contra o inimigo hereditário.

Em 1914/18 não se tratou só do exército de uma nação e sim de toda Nação, e ficou provado que “um exército só se considera vencido quando falta a coragem ao povo que o sustenta; a solução do conflito é de ordem militar, mas as causas que o determinaram não são. A industrialização e a democratização da guerra dão todo sentido e toda beleza à nova verdade: da vitória que o exército conquista é a Nação que tem o direito de se orgulhar, como de uma obra para qual arriscou, como de um sucesso que é o de cada um de seus membros”.

PREPONDERANCIA DO FATOR MORAL

Num Exército ha: a força material e a intelectual. A primeira nada é si não fôr dirigida pela segunda, e ambas, juntas, deixarão muito a desejar si não forem presididas por uma grande força moral. Nogi disse: "a vitória é daquele que sabe sofrer um quarto de hora a mais".

O fator moral consiste em fazer com que o adversário se sinta vencido, e daí a ordem do chefe para abandonar a luta. A vitória consiste pois em desencorajar o inimigo. Aquele que reconhece em seu inimigo uma força superior se considera vencido. Sente-se desmoralizado e não crê mais na vitória. "A batalha não é uma carnificina, é uma luta moral" (Gen. Alvenslebeu).

ESTUDO PSICOLÓGICO DO COMBATE

Quem combate é o homem (elemento primordial da batalha). É o homem que mata e o homem que morre. A primeira luta do homem é a da vontade de viver, filha de seu instinto de conservação e a vontade de vencer, originária de seu coração. De nada servirá a preparação de um exército si não se estudou exatamente o principal instrumento: o homem e o seu estado de alma no momento crítico do combate.

CONDIÇÃO DO COMBATE MODERNO

O homem abandona sua casa, seus hábitos, seus interesses, sua família, e é equipado para a guerra; através jornadas penosas é transportado aos campos de concentração e daí para os de combate. Na trincheira, em que não pode fazer aparecer nem a cabeça acima do parapeito, no dia imediato terá que se mostrar todo para o assalto à trincheira inimiga. Na guerra moderna as duas crises mais importantes para o soldado são o bombardeio e o assalto. O bombardeio intenso e contínuo, os momentos anteriores ao assalto corpo a corpo, a potência a mais e mais elevada dos elementos de fogo, os meios de observação aperfeiçoados dando os menores detalhes do campo de batalha, a luta corpo a corpo, a guerra das facções a invencibilidade do inimigo, a rapidez das perdas e finalmente a duração e a continuidade do perigo, tudo agindo sobre o homem, jogará fatalmente por terra o caráter mais temperado e o homem se fadiga e deprime física e moralmente.

Na luta as condições não são semelhantes para o aviador, cavaleiro, artilheiro e o infante. O avião e o cavalo, na hora do perigo, são elementos que voltam um pouco o espírito do soldado para si. O artilheiro, apesar de afastado do inimigo, trabalha por peça, em verdadeiros ateliers, sob as vistas dos chefes e dos camaradas. O infante, qualquer dos seus atos no combate é a resultante de uma luta titanica entre o instinto de conservação e seu coração, entre o espírito e a matéria. Torna-se por excelência o combatente da bravura pessoal, renovada sem cessar, porém anônima. "O infante é a multidão que vibra, quer, sofre, desfalece, se esfalfa, se arremete, combate e morre no anonimato mais glorioso, porém mais ingrato".

No combate a Infantaria composta de unidades organizadas, no início, mas depois o infante apenas vê os seus vizinhos. O sucesso dependerá exclusivamente do vigor, da iniciativa e do coração dos quadros e soldados.

ELEMENTO DE DEPRESSÃO MORAL NOS CAMPOS DE BATALHA

O MEDO. É o primeiro inimigo do soldado no combate. Todos os bravos tiveram medo e o confessaram. O medo é a forma mais simples do instinto de conservação. É menos inimigo do homem que a fome, pois lhe previne de um perigo. Entretanto deve ser dominado porque é um sentimento inferior. Pode-se ter medo, nunca porém ser por ele dominado. Quando o medo dá ao homem o sinal de perigo, o espírito passa em revista toda sua situação e resolve resistir ou capitular. Bravo é aquele que perturbado pelo perigo, consegue antepôr seu dever ao interesse de sua conservação pessoal. Covarde, não é aquele que o perigo perturbou completamente tornando-o inútil; covarde é aquele que com consciência mobiliza todos os meios para fugir ao perigo em sua defesa pessoal, quer se deixando ficar para trás sem ser visto, quer gastando inutilmente seus cartuchos, quer prestando socorro a um ferido, etc. Pode-se ter medo e ser bravo. É necessário desenvolver no soldado os hábitos e sentimentos que facilitem a resistência ao medo que deve ser a educação do combatente em tempo de paz.

CAUSAS DA DEPRESSÃO: — moléstia, sofrimento, fadiga, fome, sede e intoxicação.

— O temor do desconhecido, especialmente na escuridão ou com cerração.

— O temor do isolamento. Toda tropa precisa ver que tem atrás quem a sustente e recolha em caso de insucesso.

— A surpresa.

EFEITOS DA DEPRESSÃO FÍSICA E MORAL

Estas causas de depressão provocam:

- a) — uma vontade de repousar, um sono invencível;
- b) — um estado de sofrimento físico acompanhado de inquietação e agonia;
- c) — consciência de um estado de fraqueza que predispõe para o desencorajamento.

É o homem toma mal a linha de mira, atira mal, não pode andar, gagueja ao falar, etc.

Sob o ponto de vista fisiológico: — tremores, febre, para a respiração, compressão, secura na garganta, contração espasmódica dos vasos, palidez, afluxo de sangue, dilatação das pupilas. Em vista disso o homem é atingido nas suas faculdades intelectuais e a associação de idéias não se faz mais.

Psicológicos: — As primeiras faculdades que se perdem são a iniciativa e a moderação; depois a vontade. As mais resistentes são os hábitos automáticos. Donde: — Tornar automáticos nos soldados todos os atos úteis no campo de batalha que podem ser executados automaticamente. Tornar reflexo no chefe, por um treinamento

constante de inteligência e vontade, as decisões a tomar em campanha.

Ha uma diferença profunda entre o atirador na guerra e no tiro ao alvo. Na guerra, nenhuma regra aprendida é aplicada, o homem quer apenas fazer barulho de qualquer forma; e a prova é a pouca eficácia em vista do grande consumo, mesmo quando os adversários se acham a pequena distancia. E' necessário tornar automático nos homens os movimentos para execução do tiro.

Peior que o tiro, a progressão não se faz no campo de batalha como no de exercicio. Ao receber as primeiras balas o moral começa a diminuir; quando se chega perto do inimigo os efetivos se evaporaram.

O CONTAGIO. E' o traço de união entre uma tropa disciplinada e outra não. Em ambas pode se propagar do mesmo modo, desde que haja um perigo comum.

O PANICO. E' a explosão de um medo coletivo durante muito tempo guardado, esperando apenas a oportunidade para se manifestar. O homem tem um limite de capacidade de terror. Uma tropa tornada louca pelo terror, só obedece aos seus instintos; debanda, transforma-se numa coorte de fujões impossivel de deter — é o panico. Qualquer motivo poderá provocá-lo, desde que a tropa esteja predisposta.

ELEMENTOS DE EXALTAÇÃO MORAL NOS CAMPOS DE BATALHA

A CORAGEM. Consiste em poder o homem agir bem, física, moral e intelectualmente, apesar de todos os fatores desmoralizantes como o medo, a fadiga, etc. A coragem é variavel com as ocasiões e pode apresentar várias facetas, desde o sangue-frio, que é a coragem consistindo apenas na falta do medo e é uma questão de temperamento, até a coragem cultivada pelo patriotismo, pela honra, pelo cumprimento do dever que é a sua forma mais elevada. Pode ser movida por uma questão de interesse, recompensa, emulação, ambição, etc.

HONRA E ESPÍRITO DE CORPO. A honra é uma das mais possantes alavancas da coragem. Impõe a retidão em todos os atos do chefe ou do subordinado. Quando baseada no patriotismo faz com que o homem sem alarde e sabendo que seu ato nunca será conhecido de ninguém, cumpra integralmente seu dever em vez de preferir o que sua consciência consideraria covardia. O sentimento de honra constitui um laço sólido entre os combatentes da mesma unidade, que é caracterizado pelo espírito de corpo.

PATRIOTISMO — SENTIMENTO DO DEVER. O amor ao torrão natal, o sentimento do dever e o patriotismo contribuem grandemente para combater as causas de depressão moral no combate. A educação militar não cria a nação do sentimento do dever, e sim a desenvolve. Não poderá obedecer a seus chefes o soldado que até o dia em que foi sorteado, a ninguém obedeceu: pai, patrão ou chefe.

QUALIDADES DO CHEFE — EXEMPLO. E' um dos principais estimulantes para fortificar o moral da tropa; é necessário se contar com sua ação pessoal, sobre a tropa e os sentimentos de confiança e afeto que êle inspira. Sua ação não deve só constar da aplicação de regulamentos disciplinares. Deve ser um exemplo nas atitudes e especialmente nos momentos críticos do combate, pois o espírito

de imitação é o último que desaparece com as emoções do combate. Pode-se dizer que a lei do exemplo domina a psicologia do combate. "O chefe deve ser bravo para servir de exemplo vivo á sua tropa".

O OTIMISMO. Todo official deve combater o pessimismo que tem sua origem na imaginação. O pessimismo precipita a derrota. Todo chefe deve ser otimista.

QUALIDADES DA TROPA. Quando uma tropa combate em massa, as suas perdas bem visíveis, acarretam uma desmoralização na tropa, proporcional ás perdas sofridas. Quando porém os G.C. combatem esparsos, as perdas são pouco visíveis e menos desmoralizantes para a tropa, porém torna-se necessário que o moral dos chefes subordinados seja o melhor possível. A tropa que recebeu uma educação militar baseada no patriotismo e apoiada numa sólida disciplina, impõe uma confiança absoluta em seu chefe e entre os próprios soldados entre si, e combaterá bem, apesar da tenção nervosa do combate. "O soldado deve vencer o medo antes de vencer o inimigo". Para provocar a exaltação que domina a emoção instintiva e determinê ao homem fazer o sacrificio de sua vida, é necessário motivos superiores "razões do coração que a razão não compreende". Para afrontar a prova do combate a instrução e o treinameto profissional são uma garantia; os processos táticos são fórmãs necessárias. Ficamos porem convencidos que antes do material, dos engenhos e dos processos táticos, ha o coração do soldado. "A questão moral domina nitidamente as operações".

COMO É FORMULADO O PROBLEMA DAS FORÇAS MORAIS PARA OS OFICIAIS

E' preciso que o official tenha idéia precisa sobre:

- a) — natureza da missão que tem a cumprir no curso integral de sua carreira — "problema militar nacional";
- b) — sobre os instrumentos desta missão:
 - o homem;
 - a multidão, a tropa;
 - o brasileiro;
 - o soldado brasileiro, a tropa brasileira;
- c) — sobre os meios para cumprir esta missão:
 - a educação;
 - a instrução;
 - o comando.

INSTRUMENTOS DO CHEFE

São o homem e a tropa. Si o combate, diz Ardant de Pico, é o fim dos exércitos, o homem é o principal instrumento do combate. Os mais fortes cabos de guerra são aqueles que melhor conhecem seus combatentes. O coração humano, segundo a palavra do Mal, de Saxe, é pois o ponto de partida de todas as cousas da guerra.

O homem é ordinariamente definido como animal racional. Animal — ser organizado, dotado de instinto e levado a obedecê-lo; racional — capaz de raciocinar sobre seus instintos e resistir-lhes. Em todo caso, o homem não é nem matéria bruta, nem espírito puro; é um todo

material e imaterial vivo e consciente. Ao lado do elemento físico, composto dos órgãos que constituem a máquina humana, ha um elemento psíquico que serve de motor para esta máquina. Si a maior parte dos fenômenos fisiológicos são diferentes dos psicológicos, não esqueçamos que em matéria militar a fisiologia e a psicologia são inseparáveis, e que devemos aplicar na formação de nossos soldados o princípio de Montaigne: "Não se prepara almas ou corpos, e sim homens".

OS MEIOS DO CHEFE

De que meios dispõe o oficial para ensinar sua tropa:

- a) — o poder dominar, sob o ponto de vista físico, as privações e as fadigas da guerra;
- b) — o saber atirar, marchar, servir-se de suas armas, a cumprir, em suma, sua missão em campanha;
- c) — o querer e poder afrontar a morte, dominando o instinto de conservação.

A educação física ensina a poder.

A instrução militar, a saber.

A educação intelectual e moral mostra onde está o dever e ensina a querer.

A guerra 1914/18 prova que é essencial a educação moral na preparação do soldado para o combate.

A reunião das energias intelectuais (querer), das energias físicas (poder), dos conhecimentos militares (saber), em uma ação comum, exercendo-se no sentido da vontade do chefe, constitue a disciplina, cujo caracter é ser obrigatória para todos e cujo exercício constitue para o chefe o Comando.

QUALIDADES DO CHEFE. — Dever social do chefe

A formação militar consiste em crear e manter nos homens os reflexos necessários para que o mesmo possa desempenhar sua missão no combate. O dever é único na paz e na guerra. Como a disciplina, a formação militar assim considerada é obrigatória para os oficiais. A Nação exige que seus oficiais tomem parte na formação física e moral dos homens que lhes confia. A educação militar se confunde com a educação nacional.

Desde o dia em que o homem ingressa nas fileiras, é dever dos oficiais desenvolver suas qualidades, corrigir seus defeitos, e ao mesmo tempo em que lhe ministra a educação militar, fá-lo cultivar o amor á Pátria e á Bandeira, o respeito á lei e aos seus chefes, o devotamento a seus companheiros e a seus concidadãos. Para isto o chefe deve possuir um certo número de qualidades: "deve ser instruído para ensinar e inspirar confiança; servir de exemplo para impressionar; saber comandar para ser completamente obedecido; ter o senso das possibilidades".

A formação e a conduta da tropa provêm ao mesmo tempo da ciência e da arte. Da ciência, no que ella contém de métodos e dos processos baseados na experiência, sem os quais poucos resultados se obteria; da arte, por exigir a inspiração que vem do coração e que não se aprende. As qualidades naturais mais brilhantes devem se completar pelas qualidades adquiridas.

Em matéria de comando, de educação e de instrução, nada se improvisa. Não obstante nossos regulamentos se basearem sobre a experiência da última guerra e afirmem a necessidade de uma forte educação militar para os quadros, alguns oficiais acreditam ainda que a experiência pessoal adquirida pela observação diária, pela prática, constitue o único meio de conhecer os homens e os comandar. Partindo disto, julgam que o tempo consagrado aos estudos psicológicos, educativos ou sociais, será melhor empregado em aperfeiçoar sua instrução técnica. E' certo que a experiência profissional é indispensavel ao official: é comandando e só comandando, que nos tornamos e nos conservamos um chefe. Porém si o saber teórico não tem a pretensão de substituir a prática, ele não é também menos necessário.

O comando é uma arte, dissemos, mas é baseado sobre dados científicos que todo official deve conhecer e cujo resultado immediato, é facilitar e acelerar a aquisição da experiência. O official que possui noções simples mas precisas de fisiologia e de psicologia, tem mais facilidades e obtém melhores resultados na observação física e moral de seus homens. Ao chefe que conhece os principios de comando, de instrução e de educação e deles não se afasta, são evitados os longos tateamentos de inicio e os continuos erros. Aquele que estiver habituado ao trabalho e á reflexão, será mais apto a comandar sua tropa no combate, que o official fantazista.

Para ser chefe no sentido completo do termo:

- E' necessário poder;
- E' necessário querer;
- E' necessário também saber.

“O homem pode mais a proporção que mais sabe”.

O HOMEM

Os processos de comando, velhos como o mundo, se baseiam todos sobre o conhecimento do coração humano. Hoje, como antigamente, á prática do comando, do treinamento e da instrução, implica para o official na applicação diária das leis da psicologia e da fisiologia. Ha uma psicologia militar, cujos caracteres são:

- ser educativo e não especulativo;
- não se limitar ao estudo do individuo. As leis que regem a tropa contém, com effeito, mais a psicologia coletiva que a psicologia individual;
- não se limitar ao conhecimento dos fenômenos da vida consciente;
- deve estudar, para controlar e dirigir os fenômenos da vida inconsciente, que desempenha uma tão grande missão no treinamento intelectual e físico.

Sob o ponto de vista pratico elle deve permitir ao chefe:

- conhecer seus homens para melhor comandá-los;
- conhecer-se, a fim de corrigir-se.

1. — A VIDA INCONSCIENTE.

a) — A VIDA INCONSCIENTE NA ORDEM FISIOLOGICA.

O AUTOMATISMO — OS REFLEXOS.

O regulamento de Infantaria afirma que a formação e manutenção dos reflexos constitue a base da instrução e da educação militar e

diz ainda: no fim de cada instrução faz-se compreender a cada um que tudo converge para a formação de alguns reflexos de combate, indispensáveis para a abtensão do sucesso.

A formação e a manutenção dos reflexos na ordem fisiológica, tem muitos pontos comuns com o desenvolvimento e a manutenção das forças morais. E' indispensavel, pois, enumerar ligeiramente os princípios.

Os reflexos se formam segundo uma lei que foi estabelecida no começo do século XIX pelo naturalista francês Lamarck e consiste em: "A função crea o órgão e inversamente a inação atrofia e depois destroe o órgão". Estendendo esta lei a todo organismo, podemos concluir que a capacidade de trabalho de um homem e sua energia, são frutos do esforço que despendeu anteriormente, e que a ociosidade determina, ao mesmo tempo que a fraqueza, a incapacidade para o trabalho.

Na prática, o exercicio desenvolve não somente o órgão, assim como a capacidade de trabalho dêle. A lei de Lamarck admitida, quais são as consequencias?

Sabemos que a lei do desenvolvimento dos músculos pelo exercicio constitue a base do treinamento físico. Dá-se o mesmo para os órgãos dos sentidos e, o que é capital para o educador, para nosso sistema nervoso e para todas nossas faculdades psicológicas. No domínio da fisiologia nossos atos se traduzem por movimentos. Os agentes imediatos do movimento são os músculos; mas se os músculos executam os movimentos, eles não os pode provocar; por si só são inertes. Para entrar em contração é necessário a eles um excitante, comumente a vontade, cuja sede é o cérebro. A vontade não age diretamente sobre o órgão motor, necessita de intermediários, de transmissores, que são os nervos. A reunião de todos os nervos dos membros e do tronco constitue a medula espinhal, que não serve apenas de transmissor entre a vontade e os músculos, é ao mesmo tempo um centro nervoso, isto é, ela tem o poder próprio de provocar espontaneamente movimentos sem o socorro do cérebro e portanto sem ordem da vontade. Estes movimentos que não são dependentes da vontade se produzem inconscientemente são chamados automáticos ou reflexos.

Na maioria dos casos e para uma quantidade de movimentos muito complicados da vida cotidiana, o andar, o escrever, etc., os movimentos primitivamente voluntários são tornados, pelo hábito, automáticos. A medula espinhal, graças ao seu poder auto-motriz, extirgue nêles o campo da intelligencia e da vontade, transformando-os em atos puramente materiais. O movimento reflexo no qual a vontade não intervem é menos fatigante que o movimento voluntário. Para um fim desejado, todo trabalho anterior é benéfico. E' no movimento reflexo que o músculo dá o máximo de seu rendimento. A vontade não intervem, a emoção ou a fadiga cerebral não reagem sobre o trabalho muscular. Os movimentos reflexos guardam assim toda sua precisão, mesmo quando aquele que o executa está sob um golpe de depressão mental, comum a todos combatentes. No dia em que um fuzileiro ou metralhador conseguir atirar bem sem ter necessidade de refletir, seu valor como combatente é aumentado. Sabemos que o soldado no campo de batalha fica algumas vezes emocionado a ponto de não mais poder

coordenar seus pensamentos. Sua vontade deprimida recusa-lhe qualquer socorro. Si elle não tem gravado em seus nervos seus músculos, suas células cerebrais, o hábito de marchar, atirar, lançar granadas, etc., será incapaz, no fogo, da actividade intelligente.

b) — A VIDA INCONSCIENTE NA ORDEM PSICOLÓGICA.

Os fenómenos psicológicos se distinguem dos fisiológicos do seguinte modo: os últimos, que são chamados "exteriores" porque nós tomamos conhecimento d'elles pelos nossos sentidos, têm como objectivo a conservação do individuo ou da espécie. Os psicológicos, ao contrario, podem ter fins opostos aos fins fisiológicos, podem ir até ao sacrificio de si mesmo. São chamados interiores. Alguns d'elles não são perceptíveis aos nossos sentidos. Tomamos conhecimento, pela consciencia. Temos apenas consciencia dos fenómenos que se passam em nós mesmos; os pensamentos dos outros nos escapam.

Sob o ponto de vista da psicologia pratica que apenas interessa os officiaes, pode-se considerar o homem como um feixe de tendencias "que obrigam a agir, a falar, a comer, a andar, a se bater, etc.". Entre estas tendencias procuramos estabelecer uma classificação levando em conta a influencia que o officiaal pode ter sobre cada uma delas.

TENDENCIAS INSTINTIVAS E HEREDITARIAS

São as mais fortemente enraizadas e tendem á conservação do individuo e da espécie. Encontramos em seguida as creadas e desenvolvidas pelas influencias do meio, do clima, da raça, da hereditariedade: assim, certos povos são belicosos e outros mostram inaptidão para guerra. Sobre estas tendencias profundamente incrustadas na alma do homem, e que constituem a base de seu caracter, o officiaal tem pouca acção. O officiaal deve entretanto se aplicar no sentido de as discernir afim de levá-las em consideração nos seus métodos de comando. Não se pode conduzir todo o contingente de um exercito, de uma maneira uniforme. O chefe deve poder dispôr, para instruir e para comandar, de uma série de processos dos quais se servirá de acôrdo com as individualidades a que tem de aplicar.

TENDENCIAS ADQUIRIDAS OU HABITOS

O homem não é regido só pelas tendencias com que nasceu: a proporção que desenvolve adquire tendencias novas: quer sob a influencia do meio no qual vive (educação espontanea); quer sob a influencia de educadores (educação artificial).

Estas novas disposições adquiridas sob a acção prolongada das mesmas influencias, constituem os hábitos. O officiaal pode ter sobre os hábitos de seus homens uma grande influencia, pois estão no dominio em que o officiaal pode exercer sua actividade educadora, e este dominio é vasto.

Na arte de formar um homem, quer seja um atleta, um sábio ou um soldado, ha uma estilização constante das leis do hábito

LEIS DO HÁBITO

1.^a lei: — O hábito se crea pela repetição dos mesmos actos. Qualquer que seja a tendencia que o educador quer desenvolver num homem é necessário fazer-lhe repetir atos que sejam a expressão desta tendencia. O official deve pois, cada vez que fôr possível, colocar seus homens em circumstancias tais que êles sejam levados a traduzir por atos as tendencias a adquirir. Os atos têm um valor educativo que nada o substitue. Desta 1.^a lei em que o hábito se crea pelo hábito, tiraremos tambem o ensinamento, que convem evitar, tanto quanto possível, as ocasiões em que os homens possam adquirir uma tendencia contrária ao desejo do educador. Todos os atos, todos os pensamentos, todas as emoções têm tendencia a reviver. E' necessário, pois, evitar a execução e a repetição de tudo que pode orientar para uma má inclinação.

2.^a lei: — O hábito facilita a execução dos atos e uma vez tomado, exige a execução. O hábito nos predispondo á execução de certos atos, nos permite então executá-los mais facilmente, dá-nos o desejo depois, enfim, a necessidade de executá-los. As verificações e as applicações desta lei no domínio militar são innumeráveis. Si estivermos habituados a solucionar rapidamente casos concretos táticos sobre o terreno, executaremos facilmente no combate um trabalho que não será nada mais que a applicação de hábitos anteriormente adquiridos; por outro lado, si as circumstancias nos impõem uma tarefa que não estamos acostumados a fazer, ela nos parecerá ponivel e nós a executaremos provavelmente mal.

Quanto mais treinados forem nossos homens para tudo que êles poderão executar na guerra, mais acharemos neles, quando vier o dia, aptidões para serem bons combatentes. A criação dos reflexos profissionais necessários ao soldado compreende pois, um treinamento cerebral, assim como um treinamento muscular".

2.^o — A VIDA CONSCIENTE.

Consideramos até aqui, sob a forma de tendencias hereditárias ou adquiridas, fenômenos fisiológicos inconscientes; resta-nos falar sobre a vida consciente.

Os fatos de consciencia formam três grupos, ao mesmo tempo unidos e distintos, inseparaveis de fato, mas irreductiveis entre si por natureza.

O homem pensa, por isso se distingue dos animais;

O homem sente, isto é, tem sensações ou sentimentos (prazeres, pezares, temores, desejos, esperanças, emoções, paixões). O pensamento não pode ser confundido com os sentimentos; refletir é uma coisa e estar emocionado, outra.

O homem age, enfim. Toda ação é uma manifestação exterior de nossa vida interior.

Si a vida ativa se confunde com a vida afetiva, não é dela tambem menos distinta; ser alegre ou triste é diferente de agir.

A estes três grupos de fatos de consciencia, correspondem três faculdades. Chama-se faculdade uma maneira de agir ou reagir do ser psíquico; uma faculdade é para a vida psicológica o que uma

função do nosso corpo é para a vida fisiológica. Aos fatos de pensamento ou intelectuais, corresponde a inteligência. Aos fatos sensitivos corresponde a sensibilidade. Aos atos corresponde a atividade, que no homem é caracterizada pela vontade.

Que relações há entre as três faculdades?

Agir é a faculdade fundamental: agir é viver. Mas, si o homem é insensível, não agirá. Age-se em vista de um bem, dum atrativo. As emoções e os sentimentos, isto é, a sensibilidade, são a mola da atividade. E' por isto, e com justeza, que se diz que na vida humana o grande motor é o coração. A sensibilidade fixa o fim á atividade. A inteligência nos esclarece sobre as consequências de nossos atos e sobre os meios a empregar para realizá-los. A vontade mede as vantagens e os inconvenientes, finalmente escolhe e executa. Com o ato voluntário consciente, que sob o ponto de vista milita nos interesses sobretudo, constatamos que da atividade instintiva, hereditária ou adquirida pelo hábito, nos elevamos a uma atividade muito mais alta: o querer.

O instinto é tanto superior ao puro mecanismo, quanto o valor consciente é superior a todas as formas da vida inconsciente. E' necessário distinguir nitidamente o desejo do querer. Pode-se desejar mais ou menos uma cousa, porém não se quer mais ou menos; ou quer ou não.

Todo ato voluntário comporta quatro fases:

a) — a concepção: ver claramente o fim para o qual queremos tender, o que é determinado pela nossa sensibilidade;

b) — a deliberação: pesagem dos motivos e das razões que militam em favor das diversas possibilidades — E' obra de nossa inteligência;

c) — a resolução: decisão da vontade. Consiste na escolha entre os elementos da deliberação. E' esta escolha que é o fator predominante do ato voluntário: tudo posto, toma-se um partido, decide-se ou resolve-se;

d) — a ação: a decisão tomada se transforma em ato, age-se.

O que dá ao ato voluntário uma importancia capital sob o ponto de vista moral, é que o homem o exerce livremente e empenha sua responsabilidade. A liberdade no ato voluntário pode ser definida; o poder que tem a vontade humana de se decidir sem constrangimento, sem outra razão além de seu próprio querer. Si o principio de liberdade de escolha se mantém teoricamente completo, o homem está, na prática, mais ou menos apto a se decidir com conhecimento de causa, conforme elle apreende mais ou menos as consequências possíveis de seu ato. As origens, a hereditariedade, o meio, o temperamento, as paixões, a educação sobretudo, entram então em consideração. O homem é mais ou menos livre, e por consequencia responsável, conforme está mais ou menos esclarecido, prevenido, instruído. Os educadores: pais, professores e officiaes, devem ter sobre este objetivo um sentimento muito forte de sua própria responsabilidade. No verdadeiro combate psicológico, que é a deliberação, e que consiste em confrontar cada uma das idéas em conflito, aparece um elemento que desfruta uma missão de árbitro: é a personalidade do indivíduo. A personalidade, "o eu", é constituída por um conjunto de tendências que constantemente termina por dominar em nós. Cada um tem seu

eu caracterizado que o torna diferente de seu visinho. Os oficiais não devem ignorar que a personalidade de seus homens é, em grande parte, tanto do lado físico como moral, a resultante dos hábitos de cada um deles. Os fenômenos da vida consciente e os da vida inconsciente reagem pois continuamente uns sobre outros.

A MULTIDÃO

Como se constitui uma coletividade no sentido psicológico do termo?

Quando pertence a uma coletividade, o indivíduo perde uma parte de sua individualidade para adquirir, em compensação, um certo número de características comuns á coletividade. Toda multidão tem pois uma personalidade, uma sensibilidade e uma mentalidade particular. Não é suficiente se achar reunido um grande número de indivíduos para serem considerados uma coletividade no sentido psicológico da palavra, é necessário ainda que haja entre eles pontos comuns; só assim surgirá a alma coletiva que a transformará em multidão psicológica.

Quando uma idéia, um espetáculo, um perigo comove uma gente reunida por acaso, ela começa a se agregar e reunir-se. O resultado desta ligação é a "multidão psicológica". As variedades de multidões são infinitas; classificam-se segundo a natureza do objetivo que as anima. O público de uma sala de espetáculo é uma multidão; um grupo de revolucionários fanáticos, uma outra; uma tropa partindo para o assalto, outra.

Sob o ponto de vista militar, podemos considerar uma tropa como uma multidão de homogeneidade variavel, conforme seus recrutas ou seus reservistas são mais ou menos recentemente incorporados, sendo esta multidão comandada e instruída por uma coletividade infinitamente homogênea: os quadros de carreira.

Os característicos gerais que diferenciam a psicologia das coletividades da dos indivíduos, são intelectualmente a multidão é inferior ao indivíduo. Por outro lado, sob o ponto de vista dos sentimentos, e por consequencia dos atos que os podem provocar, ela pode ser, segundo as circunstancias, melhor ou peor que o indivíduo, tudo dependendo do modo como ela é orientada, suggestionada e conduzida. Menos egoísta que o indivíduo, a multidão é mais apta que êle aos sentimentos generosos, ao devotamento, ao sacrificio e mesmo ao heroísmo. Reunidos os homens, exercem uns sobre os outros certas influências que tendem a uniformizar seu modo de pensar e de agir e de sentir: e cria entre eles a união. Unida uma coletividade, a menor cousa é suficiente para produzir uma emoção rápida e generalizada. Para uma tropa que julga vêr o inimigo surgir sobre seus flancos ou retaguarda, um simples grito de agonia "ei-los", mesmo injustificado, pode ser suficiente para provocar o panico.

Para as coletividades aos fenômenos de contágio se juntam os de suggestão. Somente alguns indivíduos tendo uma personalidade muito forte podem resistir á suggestão. São em geral em pequeno numero para lutar contra o comum; pelo menos podem eles tentar uma divergência. Algumas vezes, uma palavra ou um gesto feliz têm impedido irreparáveis desgraças. Alguns oficiais em momentos de crise têm

afirmado seu valôr no campo de batalha do modo mais eficaz. Por outro lado, estes fenômenos de sugestão explicam a desorientação completa de certas tropas no combate. O individuo isolado pode, pelo raciocínio, dominar seus reflexos; a multidão não o pode, é joguete das impulsões que recebe, as quais podem ser cruéis ou generosas, pusilânimes ou heroicas.

Ao mesmo tempo que impulsiva a multidão é versátil; quer uma coisa com entusiasmo, porém por pouco tempo; é tão incapaz de vontade duravel quanto de reflexão.

A aptidão da multidão para a sugestão, junta-se a falta de qualquer espírito crítico, tornando-a de uma crueldade excessiva. A inverosimilhança não existe para ela. Além disto, a multidão não conhecendo dúvida nem incerteza, vai rapidamente aos extremos. Cada individuo de uma coletividade tem a impressão que sua força pessoal é multiplicada em proporções colossais. Mas com a força, a multidão crê ter ao mesmo tempo consigo o direito. O simples fato de seu número convence as coletividades que tudo lhes é permitido e ao mesmo tempo que nada lhes é impossível. O sentimento da responsabilidade individual, que impede o homem na sociedade civilizada de obedecer unicamente a seus instintos, desaparece ao mesmo tempo que se crê a mentalidade coletiva. Estes sentimentos de invencível potência, de impunidade e de irresponsabilidade material e moral, explicam a rapidez com a qual certas multidões transformam imediatamente em atos, certas idéas as mais loucas.

Impulsiva, versátil, cruel e violenta, a multidão só aceita os sentimentos que pratica. Mediocrementemente influenciada pela bondade que toma pela fraqueza, apenas respeita a força. Eis a explicação porque ela se levanta contra uma autoridade fraca e se curva deante de uma forte.

Os condutores de coletividades são individuos de personalidades potentes, gozando de um prestígio natural ou adquirido. Os grandes meios são a afirmação e a repetição. A multidão não raciocinando, não pode ser influenciada por uma discussão lógica e seguida. Por outro lado, sua imaginação trabalha sempre. Deixa-se impressionar pelas imagens mais loucas, com a condição que a firam e a traduzam. A mais grosseira inverosimilhança, torna-se um dógma estabelecido, desde que seja energicamente afirmada e repetida. Para serem aceitas pela multidão, as idéas lhe devem ser apresentadas em conjunto, sob uma forma simples, sem o que seria necessário explicar-lhe a gênese. Os chefes ouvidos não são os espíritos apurados nem os idealistas que dispersam sua atenção sobre vários objetivos, são aqueles que têm uma idéia fixa, que refletem sempre a mesma coisa, geralmente falsa. Geralmente só se descobre a verdade quando o erro já produziu prejuizos irreparaveis. A afirmação e a repetição que a Alemanha tinha sido atacada pelos Aliados, constituiu a base moral da nação allemã durante a guerra. A missão dos condutores das multidões é sempre efêmera. A tropa rapidamente qualifica de traidor o chefe que não a reuniu. A missão do chefe é tanto maior, quanto melhor funciona a coletividade, em consequencia é melhor organizada e melhor comandada. É uma das razões pelas quais a tropa quer o que quer seu chefe.

A TROPA

A tropa destingue-se da multidão por ser organizada, instruída e enquadrada. Uma tropa homogênea e bem comandada reúne as características seguintes:

A DISCIPLINA, devida á ordem material e sobretudo ao resultado da instrução e da educação militares que se pode denominar de origem moral.

O AMOR PRÓPRIO E O TEMOR. O homem age sob as vistas de seus chefes e serra-filas que o conhecem e podem recompensar ou punir.

O ENTUSIASMO, devido em grande parte ao sentimento da força.

O ESPÍRITO DE CORPO. Este é, em campanha, no combate uma potente alavanca nas mãos do chefe que o sabe crear e manter. Sua origem remonta aos períodos mais afastados da humanidade, na época em que se constituíram a família e a tribo e adotavam para se reconhecerem, ao mesmo tempo que se formava sua unidade, sinais e símbolos particulares. O grito de guerra do clan e o brado do regimento, a bandeira e as insígnias pelas quais se reconhecem as legiões, têm uma origem comum. O espírito de corpo provoca entre as unidades uma emulação tal, que no curso de todas as guerras tem causado grande quantidade de atos de heroísmo coletivo.

OS MEIOS DO CHEFE — EDUCAÇÃO, INSTRUÇÃO, COMANDO

A educação, a instrução e o treinamento militares são inseparáveis. Muitos oficiais consideram a instrução e a educação militares como independentes uma da outra, muito embora elas se entrelassem e reajam constantemente uma sobre a outra. O oficial é permanentemente instrutor e educador. O treinamento dado ao regimento se dirige á vontade como aos músculos. Consiste em desenvolver ao mesmo tempo o vigor moral e físico. As fórmulas particulares da vontade que se chamam: tenacidade, desprezo á fadiga e ao perigo, adquire-se pelo treinamento físico. Enfrentar as intempéries, deitar no chão, percorrer longas distancias, fazer com que o organismo exerça esforços violentos e, sobre tudo, contínuo, é fazer o corpo agir sob o comando da vontade.

A educação, a instrução e o treinamento são, pois, obra de cada dia e cada momento; estão intimamente ligadas. No decorrer dos menores exercícios, as ocasiões se apresentam para se mostrar ao soldado a necessidade da coragem, do esforço, da disciplina.

A camaradagem, o devotamento, o sacrifício, são subtendidos em todos os momentos da instrução sobre o combate; silenciá-los será trabalhar em vão. Para fazermos uma idéia justa da educação e instrução que devemos dar a nossos quadros e soldados, devemos ter sempre em mente: 1º — que o homem é indefinidamente aperfeiçoável e portanto, por melhores condições em que se ache é sempre possível melhorar mais ainda; 2º — o homem não necessita permanentemente de um guia e um educador permanente: no início, sim, depois é o próprio homem que se guia.

A EDUCAÇÃO

1º — OS PRINCÍPIOS.

A experiência da guerra mostrou que o chefe e soldado valem pelo seu caráter. A Educação deve ter por fim principal desenvolver as qualidades de caráter. Entende-se por caráter não só as disposições nativas, como o conjunto de hábitos pelos quais estas disposições são desenvolvidas e modificadas. Os principais elementos que determinam o caráter, são a atenção, a reflexão, o julgamento, a iniciativa, a disciplina, a perseverança e a vontade. Estas qualidades não se adquirem em livros e sim praticando-as, assim como qualquer conhecimento que se deseje adquirir. O princípio fundamental consiste na repetição da coisa a aprender, até que ela seja perfeitamente executada. Esta repetição cria reflexos e somente após isto se tem adquirido o conhecimento desejado. A formação moral e intelectual não escapa a esta lei. O esforço, e sobretudo o esforço consciente, é a base de toda educação. O Exército pode ser um maravilhoso agente do aperfeiçoamento nacional, desenvolvendo a educação física, a higiene, o sangue frio, a vontade, o julgamento, a solidariedade, com a condição de que os oficiais jamais esqueçam que a educação a ministrar aos homens deve ser unicamente prática.

2º — A APLICAÇÃO.

A EDUCAÇÃO INTELECTUAL.

A educação intelectual forma o espírito e desenvolve o caráter. A instrução dá conhecimentos. A verdadeira cultura intelectual consiste em se adquirir uma força de atenção e vontade que possamos concentrar sobre qualquer objetivo sobre o qual é necessário tomar uma resolução. A educação intelectual dirige-se à inteligência, à sensibilidade e à vontade; interessa à nossa formação, à de nossos quadros e à de nossos soldados.

EDUCAÇÃO DA INTELIGENCIA

A inteligência do homem é medida pela dificuldade com que resolve os problemas que se lhe apresentam; pela rapidez com que os resolve e pelo número que resolve dentro de um certo tempo. Tudo depende do saber que possui armazenado em sua memória e da facilidade com que aplica seus conhecimentos, em cada caso particular. É necessário não só ter conhecimentos, como saber aplicá-los. Para um oficial que é um homem de ação, a rapidez de ação é condição primordial; e rapidez de execução é o fruto de seu treinamento intelectual que deve ser ininterrupto. O oficial se encontra a cada momento em face de casos concretos que exigem solução imediata: sua memória reúne então, todos seus conhecimentos, sua inteligência os combina e dá a solução, e sua vontade executa. É preciso que o saber do oficial seja: claro, preciso, completo e bem classificado, para que esteja sempre presente no seu espírito.

EDUCAÇÃO DOS SENTIMENTOS

Os sentimentos têm sobre todos nossos atos uma influência considerável. Sob o ponto de vista militar "a guerra é dominada pelo sentimento, o que não admira, pois ela é feita por homens". Sua ação é sentida:

— sobre nossa percepção (diferença entre o vigia na paz e na guerra);

— sobre nossa memória (em guerra o soldado aprende o funcionamento de sua arma com mais facilidade do que em paz);

— sobre nossa imaginação (em guerra o soldado imagina uma crise falsa e vê tudo negro);

— sobre nosso julgamento (um soldado que gosta de seu chefe perdôa-lhe alguma severidade que não toleraria em outro pouco amavel).

COMO AGIR PRATICAMENTE SOBRE O SENTIMENTO DE NOSSOS HOMENS ?

— Pela sensação direta (mostrar o mal causado pelo inimigo);

— pela representação estética (por meio de leituras, cinema, teatro);

— pela cerimônia (em vista da lei psicológica que nossos estados de consciencia são muitas vezes ligados a nossas atitudes corporais).

EDUCAÇÃO DA VONTADE

A ação exige o concurso da vontade, cuja educação deve ser feita durante toda vida, especialmente para o soldado, pois dela depende todo o sucesso. O querer obstinado, apesar de todos os sofrimentos físicos, morais, as intempéries, a dúvida e o insucesso, é a base de todo o sucesso. A força de vontade não é nata nos exércitos. É necessário o treinamento para querer, para agir. A base da educação da vontade consiste no conhecimento de si mesmo. É-nos necessário examinarmo-nos constantemente com a máxima franqueza e imparcialidade e aplicarmo-nos em seguida corajosamente em combater e vencer nossos defeitos. É necessário desafiar as impulsões do espírito, confiando, de outro lado, nas decisões maduramente refletidas da inteligência. Ter plena confiança em si, sem presunção. Querer é poder; para isto é necessário:

— só querer o que é possível;

— saber querer.

O conjunto dos sentimentos de um homem e sua "força relativa" trazida pela vontade, constitue seu caráter.

Fatores que influem no caráter de cada um:

— inconscientes: o instinto;

— organicos: idade, raça, clima, condições de vida, doença, alimentação, temperamento.

— Hábitos: hereditários, adquiridos.

Podemos modificar profundamente nosso caráter pela aquisição de hábitos novos.

A INSTRUÇÃO

1º — OS PRINCÍPIOS.

Tudo na instrução é função do homem, donde a necessidade de o conhecermos de um modo geral e a cada um em particular, no físico e no moral. No físico, saber como são constituídos, o esforço que podem dar, conhecer seus pontos fracos. No moral, informações sobre sua inteligência, seus meios, saber si êles têm sentimento, vontade e amor próprio. Para conhecer seus homens, é necessário saber observá-los.

A verdadeira instrução deve ser individual. Como isto é praticamente impossível, a instrução deve ser dada por grupos da mesma natureza e de valor semelhanté.

E o instrutor? — Deve-se aproveitar a aptidão de cada instrutor. Deve-se fazer uma primeira repartição dos instrutores; terminado o período de adaptação, fazer-se uma nova distribuição visando as especialidades. E' preciso levar em consideração que instruir e comandar são cousas diferentes.

Fazer a seleção entre os melhores soldados em todas as partes da instrução; é o princípio da emulação, do estímulo.

Saber o que se quer, querer com energia, com método e seguindo uma progressão racional. Não querer o impossível. Não despendar nossa vontade em cousas inúteis; reservá-la para as cousas mais importantes.

2º — A APLICAÇÃO.

Mecanismo e aplicação, instrução técnica e instrução tática, são as duas partes indispensaveis de uma instrução militar completa. Sabemos que no combate o soldado não tem nem sangue frio nem tempo de procurar, para cada caso particular, uma solução. Onde a necessidade da formação de reflexos do campo de batalha ter uma grande importancia. Um dos melhores meios é o exercicio de ordem unida. A ordem unida desenvolve no homem a atença que é uma faculdade preciosa; crêa nêle, pela obediencia imediata ao comandante um reflexo que será uma felicidade achá-lo na guerra; aumenta, pela procura da perfeição, a capacidade do esforço. Deve ser curta, para não se tornar fastidiosa. A ordem unida é um meio educativo precioso. Os exercicios de applicação são indispensaveis para ensinar aos homens a agirem inteligentemente, conforme as circunstancias do combate.

Nada de abstração. A ação domina a teoria.

A instrução consiste em o chefe transmitir a seus subordinados idéias que devem ser transformadas em atos. O instrutor deve dar idéias nítidas, intensas, completas e ficar convencido que seus homens só serão bem instruidos, quando as tenham compreendido tanto quanto o instrutor. Nunca exigir o que não é capaz de enunciar ou executar. E' necessário que todo ensinamento corresponda a uma ação. Nada de discurso.

O método ativo; suas vantagens. — O método passivo; seus inconvenientes.

O método passivo, do discurso, é melhor que o decorativo, tendo porém, quasi os mesmos inconvenientes que este e só deve ser empregado em casos excepcionais, como para dar aos quadros as bases de

um ensinamento ou para o resumir, para fazer compreender ao soldado o que é a Pátria e a disciplina. Sempre que possível, o método passivo deve ser substituído pelo ativo ou interrogativo. Este método consiste em fazer com que os homens descubram por si que se lhes quer ensinar. Deve ser sempre empregado. Ele dá ao soldado uma das suas grandes alegrias, o sucesso, e o ensina a observar e pensar. Dá ao oficial uma idéia exata do valor de seus homens. O ensinamento por ele adquirido persiste na memória.

Toda instrução militar comporta: uma preparação; uma direção; uma conclusão.

PREPARAÇÃO:

I — PREPARAÇÃO GERAL:

- a) — Procura do caso em que o graduado ou soldado a instruir se ache em campanha (combate, assalto, etc.).
- b) — Grupamento metódico dos diversos casos sob o ponto de vista de seu ensinamento.
- c) — Estabelecimento do paralelismo das diversas partes do programa de instrução. Toda aplicação deve ser acompanhada da teoria indispensável.

d) — Na escolha do terreno que se preste aos diversos ensinamentos.

II — PREPARAÇÃO PARTICULAR:

- a) — Ilustrar o ensinamento com um princípio do regulamento que realça quando materializado.
- b) — Imaginar um caso concreto que faça ressaltar o ponto a ensinar, após ficar claro no espírito do instrutor o princípio do regulamento.
- c) — Não considerar o tempo gasto nisto como perdido.
- d) — Dirigir o exercício bem, para o que é preciso ser bem preparado.

DIREÇÃO:

A execução do programa assim elaborado, comporta da parte do diretor do exercício um certo número de princípios:

- a) — O fim do exercício deve ser nitidamente precisado desde o início.
- b) — Nenhuma suposição deve ser feita do terreno.
- c) — É preciso dar a cada caso estudado seu caráter de verdade, de clareza e simplicidade, na falta de que se cai na inverosimilhança.
- d) — Tomar como regra absoluta, nunca intervir no curso da execução para corrigir faltas de detalhes. As retificações intempestivas, não somente matam a liberdade de ação do executante, como o impede de constatar e, por consequência, retificar seu próprio erro. Ora, o processo do ensinamento pelo erro é a base de toda instrução.

A ação do instrutor deve ser progressiva, contínua e perseverante, contendo doçura e tenacidade. Ela deve se dirigir:

- á intelligencia do homem pelas explicações;
- ao seu instinto de imitação, pelo exemplo;
- á sua iniciativa, por uma grande liberdade de ação;
- á sua emulação, pela constatação dos resultados.

CONCLUSÃO:

Todo exercício deve ser terminado por uma crítica curta, onde é

posto em relêvo o princípio a estabelecer, e em seguida são analisadas as faltas de detalhes.

O COMANDO

1º — OS PRINCÍPIOS.

A DISCIPLINA. A hierarquia e a subordinação são os dois elementos da disciplina militar, que é manifestada para os oficiais:

- pela obrigação de comandar;
- pela obrigação de obedecer.

A autoridade parte da testa, subdivide-se em ramos cada vez menores, correspondentes ás diversas graduações, e termina na massa que deve produzir o ato de força. Si a organização do Exército tem por base a hierarquia, o meio que assegura a transmissão da autoridade é a subordinação.

Recurar diante de um ato de comando inerente á nossa função, é, para um oficial, tão grave que cometer um ato de desobediência.

A disciplina militar é: uma regra de conduta uniforme, comum a todos, garantida por sanções, ás quais os soldados como os chefes são submetidos sem distinção e que têm: por fim — a defeza nacional, assim com a observação das leis e regulamentos militares; por meio — a subordinação hierárquica.

A OBEDIENCIA. É o corolário e o elemento essencial da disciplina. Si a obediência passiva consiste em executar as ordens ao pé da letra, existe uma obediência ativa que procura realizar do melhor modo os intuitos do superior, que deixa ao subordinado toda faculdade de procurar os melhores meios para executar as ordens de seu chefe. O soldado, na guerra, pouco aprende do conjunto, por isso precisa ter confiança na autoridade que lhe dá ordens, mesmo, quando não compreenda a utilidade e a oportunidade delas. Obedecer assim não é ser subserviente, é a verdadeira obediência, de pôr ao serviço da idéia do chefe todas as forças do soldado. Ela eleva aqueles que se submetem voluntariamente e de coração.

A RECLAMAÇÃO. O soldado deve conhecer seus deveres e seus direitos, especialmente o de reclamação. Muitos preferem sofrer uma injustiça a reclamar, dando assim, origem á criação de um rancor contra a vida militar. Deve-se, porem, fazer compreender aos homens que "as ordens devem ser executadas literalmente, sem hesitação nem murmúrio, pois a autoridade que a dá é responsável", e explicar que "a reclamação é permitida ao inferior que a tenha obedecido".

O COMANDO. Comandar não é somente dar ordem ou exigir o cumprimento do regulamento. Isto é apenas uma parte do dever profissional, "o exercicio do metier". Comandar é exercer uma força moral sobre seus subordinados, sem a qual o chefe é ou não é. Para isto é necessário um certo número de qualidades que são a base da autoridade.

O oficial deve conhecer bem sua responsabilidade deante de seus subordinados. Deve saber o efeito de uma falta sua, deante dos homens que lhe devem o devotamento e a confiança, especialmente si é falta disciplinar, isto é, contra o dever nacional, do qual somos os representantes. Chefes e soldados são iguais deante do dever militar; esta igualdade é uma lei essencial do Exército. O comando não é uma

prerrogativa, é o exercício de um dever tão sagrado, que ninguém nos obriga a exercê-lo.

Fixar ao subordinado, em detalhe, o que deve pensar e o que deve fazer, é um processo unicamente autoritário: comando de meios. Dividir o trabalho entre executantes e apelar para sua inteligência e seu devotamento, mostrar-lhes o fim a atingir mas deixar-lhes a escolha dos meios, controlando o resultado e corrigindo-os, é um método liberal: o comando objetivo.

A INICIATIVA. O comando dos meios atrofia e o objetivo desenvolve a iniciativa, qualidade em virtude da qual todo militar, qualquer que seja sua graduação, age por si, sem pedir ordem a seus chefes mesmo quando eles presentes, no sentido de suas intenções, conformando-se ás exigencias da situação. Toda ordem deve ser formulada sob forma de missão a cumprir, definindo o fim a atingir.

2.º — A APLICAÇÃO.

FORMAÇÃO, DESENVOLVIMENTO PROGRESSIVO DA DISCIPLINA E CONSERVAÇÃO DOS RESULTADOS ADQUIRIDOS

A educação da disciplina deve ser progressiva, não se deve exigir do homem mais do que ele pode dar. A dificuldade de uma ordem pode exasperar o executante. E' necessário facilitar a obediencia do homem e evitar os primeiros choques, causa da primeira recusa. E' necessário explicar o porque e demonstrar a necessidade, para a preparação da guerra, da subordinação militar. E' necessário multiplicar ao redor do homem as influencias favoraveis á disciplina. As principais dificuldades com que nos chocamos para a conservação dos resultados adquiridos, são: a indiferença, as prevenções, o ambiente. Todas são duras para vencer, porém, desde que se trabalhe com ardor e convicção, teremos a impressão que o progresso virá. E' necessário conhecer os indivíduos perigosos para eliminá-los.

A REPRESSÃO. Deve ser exercida como um dever e não como um direito. E' preciso que o subordinado saiba, quando castigado, que sofre a sanção imposta por uma lei ou regulamento. O chefe não pode deixar de cumprir este dever.

AS PUNIÇÕES. O objetivo do Exército é se conseguir homens obedientes voluntariamente e não por medo das punições. A arte de comandar consiste para o chefe em conciliar a necessidade de punir um homem, com o interesse de desenvolver nêle o devotamento por sua pessoa. E a base é o conhecimento individual do homem. O oficial deve conhecer o caráter de seus soldados e a corda sensível de cada um dêles. E' necessário desenvolver as forças que fraquejam: coragem, espírito militar, sentimento do dever, lealdade, amor próprio.

Quando a falta é grave, deve-se dar logo uma punição exemplar. Nunca ameaçar, evitar punir num momento de irritação.

Graduar a punição de acôrdo com: gravidade da falta; valôr e antecedente do culpado; necessidade disciplinar do exemplo.

TRATAMENTO INDIVIDUAL DOS QUADROS E SOLDADOS

E' preciso saber escolher os quadros, antes de formá-los. O sargento exerce uma influencia enorme sobre a disciplina. Deve-se

cultivar nêles o sentimento do dever e o sentimento da justiça. Com sargentos conscienciosos o trabalho será constante, quer o oficial esteja presente ou não, e a distribuição de carga e serviço será igual para todos. Aumentaremos sua autoridade, dando-lhe consideração em função de seu mérito e de seu valor.

O cabo tem uma missão ingrata, pois vive como um soldado. E' o número um de sua esquadra.

O recruta, é necessário que se reflita sobre sua situação moral ao chegar á caserna. Vigiar atentamente os fracos, os órfãos, os arrimos, e especialmente os doentes. Antes de aplicar um castigo forte, ameaçar de escrever a seus pais.

PRINCÍPIOS DO COMANDO (Gen. Mand'huy)

“O superior deve respeitar a personalidade de seus subordinados. Estes jamais atingem ao ideal absoluto. Mas devemos nos utilizar de nossos subordinados tal como eles são, aproveitando suas qualidades e procurando corrigir seus defeitos que, algumas vezes não são mais que exagero de qualidades.

“Esforcemo-nos por obedecer e comandar com bom humor. O homem de mau humor e colérico é doente, portanto é um ser de qualidade momentaneamente inferior.

“Sejamos sempre polidos com nossos subordinados; quando somos polidos elevamos aquele a quem nos dirigimos; quando somos grosseiros, nos rebaixamos a nós mesmos.

“Na presença de um superior a impolidez é uma falta contra a disciplina; diante de um inferior, é uma covardia.

“Só a polidez torna suportavel a duração de uma censura.

“Falemos com doçura, o que não impede de falar com firmeza, dando ordens; fazendo observações em alta voz, enloquece-se os subordinados, fazendo-os gritar também.

“Não façamos censura a um graduado deante de seus homens; diminuindo-o a seus olhos, diminuiremos o principio de autoridade.

“Não duvidemos, jamais da palavra de um de nossos inferiores, o que será uma injúria gratuita; si verificarmos que êle mentiu, devemos castigá-lo, tanto mais quanto maior é a confiança que lhe depositamos.

“Não procuremos imprimir terror a nossos subordinados, e sim confiança; que eles não temam, esim desejem a presença do chefe.

“Não procuremos a popularidade no seio de nossos inferiores; si amamos a nossos subordinados, seremos amados por eles. Procuremos fazer-nos estimar por eles.

“Defendamo-los sempre quando eles tenham executado ou julguem ter executado nossas ordens.

“Nada de exigências inúteis.

QUALIDADES E DEVERES DO CHEFE

QUALIDADES DO CHEFE.

— A de condutor de homens em tempo de guerra.

— A de educador e instrutor em tempo de paz.

Na análise psicológica do combate, vimos que o peor inimigo do

soldado é o medo, que pode ser vencido pelo patriotismo, coragem e disciplina.

“Tal chefe, tal tropa”.

As qualidades do chefe são de ordem física, intelectual e moral.

1^o — QUALIDADES FÍSICAS. O chefe deve dar o exemplo. Deve ter uma resistência física superior á sua tropa e deve conservá-la pelo treinamento. Esta resistencia não se deve limitar ao esforço muscular, mas também á resistencia á fadiga de todo género, ás intempéries, ás privações e ás emoções.

2^o — QUALIDADES INTELECTUAIS.

Capacidade intelectual. A principal superioridade a adquirir pelo oficial é a superioridade intelectual. Não é somente a intelligencia individual, é mais os conhecimentos adquiridos. O saber deve ser completo, verdadeiro, claro e preciso, bem classificado e presente ao espirito.

a) — Completo — Os conhecimentos profissionais devem ser profundos e os gerais o mais extensa possível. “O julgamento é antes de tudo o resultado de uma cultura intelectual desenvolvida”. O português, as applicações scientificas, a história, a geografia, a legislação, uma lingua estrangeira, são de uso corrente.

b) — Verdadeiro — adquirido em informações exatas e mantidas em dia.

c) — Claro e preciso — porque obscuro será inútil.

d) — Bem classificado — Todos conhecimentos referentes a um dado assunto após adquiridos e completos metodicamente, devem ser bem ordenados na memoria.

e) — Presente ao espirito — condição fundamental á rapidez de concepção. Será tanto mais desenvolvida, quanto mais exercitada.

Como desenvolver a capacidade intelectual?

Todo mundo não é apto a desenvolver sua capacidade intelectual no mesmo gráu; mas todo oficial deve procurar melhorá-la. E' uma questão de trabalho e atenção. O método a empregar é o treinamento intelectual progressivo que consiste essencialmente em adquirir conhecimentos e a resolver problemas, pondo em jogo estes conhecimentos, problemas simples no começo e depois, continuamente, mas dificeis. Após ter trabalhado bastante em gabinete, com o espirito em repouso, empregando todo tempo, o oficial abordará em seguida sobre o terreno, primeiro só, e depois com os quadros, problemas concretos, mais a mais dificeis a resolver em tempo cada vez mais restrito. E' por este método que se consegue a preciosa qualidade do golpe de vista. Quer se trate da progressão sob o fogo, do tiro, da organização do terreno ou tática, é necessário proceder do mesmo modo. Para verificar a exatidão dos resultados e o valor do seu golpe de vista, tudo deve ser controlado; fará pessoalmente ou pedirá a um chefe para fazer a crítica de seu trabalho. Habilita-se a adquirir o espirito de precisão, que permite: bem redigir as ordens, indicar sem ambiguidade o objetivo a atingir e não aceitar cegamente informações incertas. Na guerra todos detalhes são importantes. Nenhuma operação pode ser bem sucedida si não foi procedida de uma preparação minuciosa, que é a obra do chefe. O oficial deverá por em prática este método para o treinamento de seus subordinados e orientar neste sentido a instrução dos quadros de sua unidade. O desenvolvimento da capaci-

dade intelectual tem, enfim, para o oficial, outras vantagens: elimina o embaraço e a exitação; da confiança em si ao mesmo tempo que faz nascer a confiança nos subordinados.

3º — QUALIDADES MORAIS.

a) — ABNEGACÃO — HONRA. Oficial vem de **officere** (servir, cumprir seu dever). Servir é uma obrigação comum ao oficial e ao soldado, sendo que o oficial se distingue do soldado por uma virtude particular a todos aqueles que aspiram comandar por abnegação voluntária. Honra é o sentimento de dignidade pessoal pelo qual o verdadeiro soldado se aplica, com o objetivo de tornar-se digno da estima de seus chefes e de seus camaradas, e procura sobretudo merecer o testemunho de sua própria consciencia.

b) — AUTORIDADE. É baseada na confiança, respeito e afeto que o oficial deve inspirar a seus homens, para se impôr a eles. Não é dizendo ao soldado apenas que deve ter confiança em seu chefe, que se toca no seu sentimento. A confiança provem da admiração e do reconhecimento. Toda superioridade moral, intelectual ou física, contribui para o prestígio do superior e inclina o subordinado á obediencia. Quanto ao respeito e á estima o oficial só inspirará tendo uma atitude e uma conduta dignas de um chefe, mostrando em qualquer circumstancia uma escrupulosa delicadeza.

c) — AFEIÇÃO. Para ser amado pelos seus homens, é preciso que o oficial os ame. É necessário que o oficial se interesse, até com os menores detalhes, pela vida de seus homens. Em qualquer situação de paz ou de guerra, tratar primeiro de seus homens e depois de si.

d) — JUSTIÇA. Todo trabalho moral do oficial é nulo, si ele não é justo. A condição primordial para se ser justo é: resistir ao assalto do favoritismo seja qual fôr. É necessário para isto uma força real de carater. É necessário, em seguida, ser-se escrupulosamente imparcial em matéria de punição. Fechando os olhos, o chefe torna-se mais culpado que o faltoso. Fazer discursq não dá resultado. Punir: única solução eficaz e moral. Si o oficial não pune o homem, ele e seus camaradas ficarão com uma noção falsa de justiça. No caso contrário, a vida normal continúa. Não esqueçamos que quem hesita em reprimir uma falta em flagrante, especialmente em matéria de disciplina, é desprezado de seus subordinados.

e) — CARATER. O homem sente instintivamente que o chefe é feito para comandar. Comandar é impôr sua vontade, para o que é necessário tê-la. O oficial que não sabe o que quer, que segue o último que fala, que cansa seu pessoal com ordens e contra-ordens, não é considerado chefe, e sim um fraco.

f) — A FE' — O EXEMPLO. "O oficial que deve mostrar constantemente o esquecimento de si mesmo, ainda mais, que deve levar seus homens a fazerem no combate o sacrificio de sua vida, deve ser um "crente" no sentido lato da palavra, para poder transmitir, no momento agudo, a alma de sua tropa, o ardor, sem o qual ela não combaterá". O oficial deve, pois, ter:

- fé no que ele ensina;
- fé na importancia de sua missão;
- fé nos resultados que corôam seus esforços;
- fé no exemplo que dá todos os dias.

O exemplo é o melhor e mais forte meio de comando e o mais

possante instinto que existe. Não praticar o que ensina é deshonrar sua palavra.

g) — **A CORAGEM.** Pela coragem, o chefe obtém o respeito, a estima, inspira a confiança e suaviza a rudeza inerente á ordem. A coragem é uma autoridade moral que aumenta e ultrapassa a da graduação. O chefe comanda mais pela atitude que pela palavra; pela palavra mais que pelo galão. Na hora do perigo o mais corajoso torna-se o chefe de direito. A coragem do chefe não deve excluir a prudência. Um sacrificio é um crime. **EM RESUMO:** O chefe deve ter a concepção exata de sua função, a visão clara do fim a atingir. A escolha do caminho a seguir é obra de sua intelligencia. Em seguida é necessária a força moral e física para chegar ao fim, transpondo todos obstáculos; é tarefa da vontade, do carater e do treinamento. E' necessário ainda, uma razão, uma força passional a serviço dum ideal que o incitará sem cessar até chegar ao fim, custe o que custar. Esta mola de nossa função será o devotamento baseado sobre a fé patriótica. Não nos iludamos. A característica do nosso metier de official é a preponderancia da abnegação pessoal. O fato de muita gente só compreender o esforço com objetivo de interesse pessoal, faz com que seja considerada com um certo desprezo, uma carreira baseada na dedicação ao dever. O official que se consagra ao dever militar, põe seu labôr diário ao serviço de um ideal que se acha num plano superior das agitações humanas. E' pela Pátria que êle trabalha e não para si; é ao serviço da Pátria que põe todas suas faculdades, chegando até ao sacrificio de sua vida.

O DEVER SOCIAL DO CHEFE.

Pela sua situação, o official é um maravilhoso agente da ação social. O Exército deve ser uma escola de igualdade e fraternidade, de igualdade e justiça.

Fazer amar o serviço e o Exército.

Evitar ao soldado os perigos do serviço.

Fazer crer e amar a Pátria.

A condição essencial para que o official inspire a seus soldados gosto pela vida militar, é que o próprio official tenha de fato amor á vida militar. O soldado não compreenderá a necessidade de sua presença na caserna, si o official não crê no que lhe ensina. Pelo exemplo, daremos aos nossos subordinados a consciencia de dever.

O patriotismo é um sentimento; e, como tal, a educação o pode fazer passar da fase instrutiva á fase refletida, e o hábito, da fase refletida á fase passional. Ele precisa ser esclarecido pela razão e fortificado pela reflexão e o julgamento. Não é só amar á Pátria, é preciso saber porque e como se a deve amar.

A PÁTRIA. Como o homem, a Pátria é constituída de elementos materiais e espirituais. De um lado, o território com as riquezas que produz, do outro, o capital intelectual e moral, constituído pelas tradições, crenças comuns, lembranças comuns, todas grandes obras dos nossos concidadãos. Nenhum destes elementos isoladamente pode ser considerado a Pátria. Então si só ha Pátria quando ha a associação dos dois fatores análogos áqueles que compõem o corpo vivo, é o fator espiritual que, na sociedade, como no individuo, o compõe.

ELEMENTOS MATERIAIS DA PÁTRIA. A nação primitiva foi antes de tudo uma associação de defesa e proteção comum. Só o grupo pode defender a liberdade, os bens dos particulares e, sobretudo o sólo, a terra de seus pais: a Pátria. Para os antigos a Pátria era a parte do sólo, a terra onde estavam depositados os ossos dos ancestrais, l'enclos da família com seu tombeau e seu foyer. Tudo que o homem pode ter de mais caro, se confunde com sua Pátria. Nela é encontrado seu bem estar, sua segurança, seu direito, sua fé, seus deuses. Os antigos não consideravam nenhum castigo mais cruel que o exílio. O exilado perde sua Pátria e seu direito de cidadão; é um estrangeiro. A concepção de Pátria, terra dos ancestrais, indica o laço de hereditariedade que liga as gerações atuais com as gerações anteriores, e vê-se claramente que a Nação não é apenas o conjunto dos homens nos quais se encarna no momento, mas o conjunto das gerações que continuamente se sucedem. Mas estas gerações têm vivido sempre no mesmo sólo, que tem sido defendido a preço de sangue, fertilizado pelo trabalho, cujas riquezas são creadas e exploradas, cuja vida tem sido penetrada. O sólo é assim para uma Nação, o que é o patrimônio para uma família, cheio de recordações que passam de filho a filho.

ELEMENTOS ESPIRITUAIS DA PÁTRIA. Alguem diz que a Pátria é um grupo de províncias feito sob uma dinastia, por suas guerras, seus tratados e seus casamentos. Porém isto não é absoluto (caso dos E. E. A. N. e Suíça). Outros dizem que é a raça, porém nenhuma Nação civilizada é constituída por uma raça pura. Igualmente acontece quanto á lingua. É que ha no homem, alguma coisa superior á lingua: é a vontade. A religião não pode oferecer base a nenhuma Nação moderna, porque hoje, cada indivíduo segue sua religião. A comunidade de interesses é um laço potente entre os homens. A geografia tem uma parte consideravel na divisão das nações, e é um dos fatores essenciais da história. Os rios têm conduzido as raças e as montanhas as detêm.

Menos que a raça e a lingua, pode a terra fazer uma Nação. Uma nação tem ao mesmo tempo corpo e alma. A terra fornece o corpo, o campo de batalha e de luta. O homem fornece a alma. Uma nação não é um grupo determinado pela configuração do sólo, mas uma família espiritual, resultante das complicações profundas da história, e na qual o homem é tudo. Uma nação tem pois uma alma constituída de três elementos que verdadeiramente é um único: o primeiro esta no passado; o segundo no presente e o terceiro no futuro. O primeiro é a posse em comum de um rico legado de lembranças; o segundo o desejo de viver em conjunto; o terceiro a vontade de continuar a fazer valer a herança legada pelos ancestrais.

Ter glórias comuns no passado, uma vontade comum no presente, avoir souffert, ter feito grandes coisas em conjunto e querer fazer ainda, eis as condições essenciais para se ser um povo.

A Pátria é pois, além das realidades e das obras exteriores, a alma que anima estas realidades e que inspira estas obras, que se manifesta e vive realmente nos milhares de almas que existem e que são a Nação. Dizer que ha uma alma comum á Pátria, realizando-se nas almas individuais, não é pois falar por imagem, mas exprimir exatamente uma realidade psicológica. A existência desta alma, implica na existência da Nação, da história nacional. Nunca abandonar a lembrança das

glórias dos nossos antepassados. Existe no passado uma poesia da qual precisamos para viver. E' necessário contar aos nossos camponeses e operários todos os fatos que nos orgulham. Os feitos de Caxias, Osório, Mauá e Rio Branco, Bílac e Castro Alves. Fazer penetrar no espírito fiéis a idéia justa das cousas de outrora, em virtude do que se pode cada vez mais amar o Brasil.

Sim, a Pátria é a história da própria Pátria.

O patriotismo evolue com sua história.

A proibição de:

- a) — depôr as armas sob pretexto de que está envolvido;
- b) — de se retrair sob pretexto de que se está desbordado ou cercado, ou que falta munição, ou que vê o visinho retirar, ou que uma ordem de retirada é comunicada de boca em boca.

A obrigação de marchar, custe o que custar, para o inimigo, ou de resistir até o fim e de se fazer matar em seu lugar.

O cumprimento do dever, em uma palavra, que exige a cada instante, no combate, o sacrifício de nossa vida, pode parecer em tempo de paz acima das forças humanas.

Numerosos exemplos dos nossos antepassados mostram o contrário e que é até legítimo.



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA